

Godoy Serpa da Fonseca, Rosa Maria
Mulher, ciência e pesquisa
Revista da Escola de Enfermagem da USP, vol. 47, núm. 4, agosto, 2013
Universidade de São Paulo
São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=361033327001>



Revista da Escola de Enfermagem da USP,
ISSN (Versão impressa): 0080-6234
reeusp@usp.br
Universidade de São Paulo
Brasil

Mulher, ciência e pesquisa

Rosa Maria Godoy Serpa da Fonseca¹

Convidada a escrever este editorial, das múltiplas possibilidades de olhar o tema *Mulher, ciência e pesquisa* escolhi duas: a perspectiva da *presença histórica das mulheres* como produtoras do conhecimento no campo científico e como *elemento constituinte do impacto do feminismo* (como campo epistemológico) na reviravolta provocada na ciência nestes tempos de transição paradigmática.

Um olhar sobre as mulheres como produtoras do conhecimento leva a descobertas, não tão antigas, do quanto elas atuaram nessa história desde os primórdios da civilização. A título de exemplo, cabe citar a sacerdotisa Em Hedu'Anna que, há quatro mil anos, na Babilônia, dedicou-se a decifrar as estrelas e desenvolver os calendários, tornando-se referência para astrônomos e matemáticos. Na Alexandria, Maria la Hebrea, química do século 1, deu uma enorme contribuição à ciência biológica inventando o banho-maria. A grega Hipátia, no século 3, com apenas 30 anos de idade, tornou-se Diretora da Academia de Alexandria e ajudou a descobrir as rotas elípticas dos planetas, além de se dedicar ao estudo de matemática, filosofia, religião, poesia, artes, oratória e retórica. A sacerdotisa egípcia Ísis deu aos povos do Nilo a escritura e a medicina, inventou o processo de embalsamamento e ensinou a seus compatriotas agricultura, navegação e astronomia. No século 11, a médica Trótula de Ruggiero, em Salerno, escreveu um dos primeiros tratados de ginecologia, em prol do bem-estar das mulheres. No início do século 20, Marie Curie dedicou-se à matemática, astronomia e filosofia, influenciando decisivamente o pensamento filosófico que persistia desde o século 18⁽¹⁾.

A lista pode ser bem maior, se citarmos mulheres de cientistas famosos que sempre estiveram à sombra de seus maridos ou companheiros, quando elas mesmas é que teriam a autoria de obras assinadas por eles⁽²⁾. É o caso de Madame Du Chatelêt, uma dessas mulheres invisíveis, cuja citação expõe a crueza da relação entre o conhecimento e as mulheres, à sua época:

O amor ao estudo é de todas as paixões a que mais contribui a nossa felicidade. O amor ao estudo encerra uma paixão da qual uma alma nobre não está jamais isenta, a da glória; para a metade da humanidade não existe senão essa maneira de adquiri-la e, justamente, é a essa metade que a educação retira os meios necessários (para esse fim), privando-as desse gosto (...) as mulheres estão excluídas, pela sua condição, de qualquer espécie de glória, e quando, por acaso, nasce uma com uma alma suficientemente elevada, não lhe resta senão o estudo para consolá-la de todas as exclusões e de todas as dependências às quais está condenada⁽³⁾.

A despeito dos grandes avanços verificados no ingresso da mulher no campo científico nos séculos 19, 20 e 21, sérios problemas ainda persistem. Para Raquel Soares, da Universidade do Porto:

todos estamos cientes da sub-representação da mulher na ciência, predominantemente quando nos referimos a cargos de liderança. Um exemplo elucidativo é o facto de apenas dez por cento dos cientistas contemplados com o prêmio Nobel, desde a sua criação em 1901, serem do sexo feminino. No entanto, isso torna-se um paradoxo, quando nos apercebemos que o nível de escolaridade da mulher está a aumentar comparativamente ao do homem em todo o mundo. Um número crescente de estudantes do sexo feminino entra nas universidades em áreas tão díspares como as humanidades, a medicina ou até mesmo as engenharias (...). Mas como se explica este paradoxo? A principal causa é a pressão que a sociedade exerce na mulher. (...) a mulher continua a ter a seu cargo a gestão das tarefas familiares. Por isso, torna-se difícil (e por vezes quase incompatível) conciliar a actividade profissional numa área tão absorvente como a ciência, com a vida familiar e social dinâmica da actualidade. Por outro lado, sendo a ciência tão fascinante, facilmente nos embrenhamos no trabalho dias a fio, ficando as restantes actividades do dia-a-dia para segundo plano⁽⁴⁾.

À saga do trabalho doméstico, poder-se-iam ainda somar vários outros entraves para a presença mais marcante das mulheres no mundo da ciência como o preconceito vigente em algumas áreas do conhecimento, de que as mulheres, por suas características de fragilidade, sensibilidade e mesmo falta de força física, estariam impedidas de atuar, enquanto que, em outras, seriam justamente estas mesmas características que as colocariam naturalmente como protagonistas mais indicadas, como no caso da enfermagem.

Se isto tudo pode ser constatado na história das mulheres, o que dizer, então, em relação à segunda perspectiva, referente ao tipo de conhecimento produzido por elas a partir da segunda metade do século 20, ou seja, da relação entre o conhecimento e a epistemologia feminista?

Eleonora Menicucci de Oliveira, atual Ministra da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, militante e acadêmica feminista histórica, já constatava em 2008 que:

na relação entre o feminismo e a construção do conhecimento (...) as pesquisadoras feministas trouxeram para as Ciências Humanas a dimensão do cotidiano, isto é, as diferentes experiências das mulheres, com suas histórias de vida marcadas pelos lugares no(s) mundos(s) do trabalho e pela vida sexual e reprodutiva⁽⁵⁾.

Isto foi feito por meio da desnaturalização das relações sociais consideradas como assexuadas, tidas agora como determinantes dos problemas da vida de homens e mulheres, e propondo uma nova visão de mundo diante das verdades estabelecidas pela ciência e moral ortodoxas.

¹ Enfermeira. Professora Titular do Departamento de Enfermagem em Saúde Coletiva da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo. Pesquisadora 1D do CNPq. rmgsfon@usp.br

Florence Thomas, da Universidad Nacional de Colômbia, diz-se feminista porque defende *uma epistemologia que aceita a complexidade, as ambiguidades, as incertezas e a suspeita*. Para ela, hoje não existe verdade única, história com H maiúsculo, nem sujeito universal. *Existem verdades, relatos e contingências. Ao lado da história oficial, tradicionalmente escrita pelos homens, existem histórias não oficiais, histórias de vida que nos ensinam muito sobre uma outra cara do mundo, talvez a sua cara mais humana*⁽⁶⁾.

Pode-se dizer que, em praticamente todas as áreas do saber, as consequências deste modo de ver o mundo têm sido inegáveis. Vários problemas da vida das mulheres (e por que não, dos homens?), têm sido revistos e ressignificados pela ciência feminista ao fazer uma desocultação da dimensão do sujeito social - mulher ou homem – e transformá-lo de mero fornecedor de dados em protagonista ativo do processo de construção do conhecimento.

A opção metodológica feminista, que privilegia o cotidiano e a subjetividade está ancorada nas abordagens teóricas que reforçam a necessidade da reflexão hermenêutica crítica como uma estratégia analítica para transformar a ciência de um objeto estranho, distante de nossa vida, em algo familiar e próximo, com capacidade de nos comunicar suas falências e limites. Assim, os estudos feministas (...) têm mostrado que o conhecimento é falível e a verdade é sempre aproximada e provisória, provocando uma das mais importantes crises no âmbito do conhecimento que as múltiplas inteligibilidades do real são impulsionadas por práticas sociais externas⁽⁷⁾.

Para efeito de justificação, há que lembrar que o feminismo acadêmico nasceu nas ruas, nas rebeliões das mulheres contra a subordinação e as desigualdades de direitos em relação aos homens, como o movimento sufragista, por exemplo.

O que isto tem a ver conosco, enfermeiras e produtoras do conhecimento na Enfermagem? Em nossa história, podemos contar com exemplos marcantes nas duas vertentes. A própria Florence Nightingale, a despeito de, nos seus escritos, reforçar padrões culturais e de moralidade compatíveis com a dureza da era vitoriana para com as mulheres, ao mesmo tempo, insurgiu-se contra seu destino inevitável ao reduto do lar, ao propor a profissionalização de jovens das classes privilegiadas como alternativa ao casamento e ao conhecimento preferencialmente repassado ao feminino, como as artes e as boas maneiras, acompanhado do culto à delicadeza e ao amor romântico que todas as jovens de boa família deveriam reverenciar para agradar e servir seus futuros maridos.

Ao propor mudanças significativas até mesmo na moda, liberando o uniforme das enfermeiras dos incômodos espartilhos, não estaria nossa fundadora fazendo uma revolução de cunho feminista? Quanto ao reconhecimento de seus feitos, na Inglaterra, ocupa até hoje, lugar privilegiado na história da ciência da saúde, ao lado de contemporâneos como John Snow, considerado pai da Epidemiologia, além de outros estatísticos e estrategistas.

Com este exemplo, não se quer dizer que a visibilidade das enfermeiras na história do conhecimento está garantida ou que tem sido facilmente alcançada. Até hoje, a maioria de nós ocupamos lugares subalternos e invisíveis no campo da ciência, talvez até mais que as mulheres de outras áreas, porque, além de mulheres, advogamos em prol de um saber também desprivilegiado e subalternizado, o do cuidado de Enfermagem.

O diálogo da Enfermagem com o feminismo tem sido difícil, tanto na militância como na academia. Na primeira, muitas vezes o que nos assusta é a dureza nua e crua de um dado feminismo francamente niilista ao estabelecido para as mulheres - inclusive no que tange às características historicamente femininas tão propaladas e valorizadas na nossa profissão. Na academia, a despeito de nos últimos tempos os estudos de gênero na saúde terem crescido mais na Enfermagem que em outras áreas, como a Medicina, nossas práticas pouco ou nada refletem a epistemologia superadora e revolucionária do feminismo.

Mesmo na prática investigativa, de uma maneira geral, nossas pesquisas carecem de densidade teórico-metodológica de gênero que as tornem potentes para nos situar par e passo com pesquisadoras de gênero de outras áreas do saber. O que se dirá, então, da potência de nossos estudos para provocar transformações na melhoria da qualidade de vida das mulheres, de seu protagonismo como sujeitos políticos e de direitos, desde o processo investigativo até o consumo do produto gerado pela investigação?

Neste campo, como em vários outros, o caminho que temos pela frente é árduo. Implica enfrentar a batalha do cotidiano como mulheres e enfermeiras, côncias da responsabilidade para com uma ciência que coloque os valores da vida humana em evidência, tanto no processo como no produto, e nós, as mulheres, como sujeitos dessa vida. Em suma, parafraseando Boaventura Santos, *Não é simplesmente um conhecimento novo que necessitamos [produzir]; o que necessitamos é [sermos produtoras] de um novo modo de produção de conhecimento*⁽⁷⁾ (acrêscimos meus).

REFERÊNCIAS

1. Garcia ES. A mulher e a ciência. Agência Fiocruz de Notícias [Internet]. Rio de Janeiro; 2013 [citado 2013 ago. 12]. Disponível em: <http://www.fiocruz.br/ccs/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=582&sid=4>
2. Tosi L. Mulher e ciência: a revolução científica, a caça às bruxas e a ciência moderna. Cad Pagu (Campinas). 1998;(10):369-97.
3. Du Châtelet GE. Discours sur le Bonheur [Internet]. Paris: Les Belles Lettres; 1961 [citado 2013 Août 18]. p. 20-1. Disponible en: http://www.hs-augsburg.de/~harsch/gallica/Chronologie/18siecle/Chatelet/cha_bonh.html

4. Soares R. As mulheres na ciência. Ciência Hoje [Internet]. 2009 [citado 2013 maio 10]. Disponível em: <http://www.cienciahoje.pt/index.php?oid=30039&op=all>
5. Oliveira EM. O feminismo desconstruindo e reconstruindo o conhecimento. Estudos Feministas. 2008;16(1):229-45.
6. Thomas F. Soy feminista. Redes Cristianas [Internet] 2013 [citado 2013 ago. 15]. Disponible en: <http://www.redescristianas.net/2008/04/17/soy-feministaflorence-thomas/>
7. Santos BS. Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social. São Paulo: Boitempo; 2007.